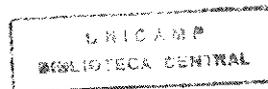


Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Artes

De uma Linguagem Visual para a Outra

José dos Ramos Taipina



Campinas/1993

94.000.000

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Artes

Mestrado em Artes

De uma Linguagem Visual para a Outra

José dos Ramos Taipina

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por José dos
Ramos Taipina
e aprovada pela Comissão Julgadora em

15/07/93
Bernardo Caro
Prof. Dr. Bernardo Caro

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes para a obtenção
do grau de Mestre em Artes, sob orientação do Prof. Dr. Bernardo Caro.

Campinas/1993

Obs: O áudio-visual que constitui
a Dissertação está gravado em VHS
que acompanha o referido exemplar.
Bernardo Caro

Dedico este trabalho ao **Ver/Pensar**

*Momentos de Expressar
o Ver do Pensar,
a imagem objetiva,
estética e poética.
A tradução do subjetivo
ao som dos momentos
que compuseram o meu pensar.
Ver,
conjunto de pensar, em movimento.
Estático ausente.
A imagem fixa,
deslocará o teu
Ver.*

Meus agradecimentos:

**Ivan Santo Barbosa
Dirce Vasconcellos
Almeida Prado**

**Paulo Adriano F. Dantas
Roberto Roldan
Afonsina Resende
Lucila Paiva**

**MCT - Edição eletrônica
Novofotolito - Processamento de Imagem
Imagem e Texto - Programação Visual**

**... e ao ver/pensar dos seres
que semeiam a sensibilidade.**

SUMÁRIO

De uma Linguagem Visual para a Outra	
Introdução	08
1. Uma análise fotográfica	09
1.1. Procedimentos (aspecto da sintaxe)	
1.1.1. Equipamentos	
1.1.2. Técnica	
1.1.3. Linguagem (o ver captado pela objetiva)	
1.2. Sobre o Referente (aspecto semântico)	14
1.2.1 Aspectos Objetivos (descrição) - Denotação	
1.2.2 Aspectos Subjetivos - Conotação	
1.3 - A Síntese do Audiovisual	15
2. Uma Tradução Poético-Linguística	17
Conclusões	18
Anexos	
Bibliografia	

DE UMA LINGUAGEM VISUAL PARA OUTRA

INTRODUÇÃO

Um trabalho com a postura que privilegia o fazer poético, a metodologia conduz a novos passos, esta será distinta, isto é, o método é indutivo, pois, o processo é exploratório. Trata-se da exploração do sensível para, talvez, daí se formular algumas hipóteses.

O objetivo deste trabalho é a procura de um resultado visual utilizando como meio de expressão o ensaio poético, com os recursos básicos da técnica fotográfica, às vezes em conexão com a computação gráfica. E para a apresentação desse produto estético-poético, essas imagens estão sincronizadas ao som que é indispensável ao sistema de projeção audiovisual como dinâmica, que caracteriza o "Bloco de Diapositivos Sonorizados".

O ensaio imagético proposto, vale-se como meio de expressão da fotografia enquanto experimento e tem como objetivo a busca da alteração da imagem, articulando os seus elementos visuais ou mais explicitamente os seus elementos icônico-expressivos, como forma e conteúdo, que podemos considerar essenciais, tais como: linha; superfície; volume; cor; textura; luz; etc. Estes constituem alguns dos elementos básicos da linguagem visual. Utilizando o processo fotográfico para uma resultante poético-expressiva, direcionamos este ensaio ao ato fotográfico, onde a imagem é obtida essencialmente pelo registro, não sofrendo interferências químicas ou quaisquer manipulações técnicas referentes ao processo de revelação do filme. Esse processo criativo é fundamentalmente embasado na própria linguagem fotográfica, traduzindo, assim, cenas produzidas em estúdio ou em áreas externas, utilizados como referentes o homem, os objetos e a natureza. E nessa trajetória ir em busca do poético através das formas que compõem o nosso universo espacial e registrando-o na película ou papel, como suporte do interativo entre o fotógrafo, a foto e o fruidor.

Poderia apresentar como resultado visual apenas imagens pertencentes a uma das temáticas desenvolvidas, mas previ a importância de procurar outros matizes temáticos, pois através destes poderia ampliar as informações semânticas ou estéticas através do imagético, e em consequência vir e ver enriquecer as possibilidades visuais da pesquisa. Assim, ampliar o contacto pelo e como meio fotográfico em relação a outros espaços visuais que insere na visão humana, a natureza, o homem e seus objetos e artefatos. A cor, a própria luz e as imagens eletrônicas, que ao nível de uma composição abstrata são geradas por mim no sistema de computação gráfica, são depois reproduzidas fotograficamente intervindo na composição que "revejo".

1. Uma análise fotográfica

1.1. Procedimentos (aspectos da sintaxe)

1.1.1. Equipamentos (utilizados para o bloco audiovisual)

Câmaras

Marca: Asahi Pentax

Modelo: SP1000 / Reflex "SLR" 35 mm

Marca: Linhof

Modelo: Kardan super color ST

Objetivas

Tipo: Normal

Marca: Takumar

Luminosidade: 1:2

Distância Focal: F=55mm

Tipo: Normal

Marca: Rodenstock Sironar - N

Luminosidade: 1:5,6

Distância Focal: F=150mm

Tipo: Teleobjetiva

Marca: Auto Makinon

Luminosidade: 1:2:8

Distância Focal: F=130mm

Tipo: Grande angular

Marca: Sigma

Luminosidade: 1:2:8

Distância Focal: 28mm

Filtro

Tipo: Polarizador

Fotômetros

Tipo: Interno

Marca: Asahi Pentax

Tipo: Manual

Marca: Luna - PRO F - Gossen

Iluminação

Gerador

Marca: Atek

Modelo: Flash System 1200

Potência: 1200W

Hazi-light

Cone concentrador de luz

Flashes

Tripés

Marca: Manfrotto e Atek

Película Sensível - Filme

Ektachrome - 135mm / EPP - ISO 100 - luz do dia

Ektachrome - 120mm / EPT - ISO 100 - tungstênio

Revelação

Processo E6 / filme

Processo direto / papel

Equipamentos Audiovisuais

Controlador de projetores de slides (som, sincronização e controle de dissolvimento de imagens)

Marca: Syncrotape

Projetor

Marca: Kodak

1.1.2. Técnica

Ao nível de uma explanação mais técnica, usarei somente uma ampliação fotográfica, tendo o papel enquanto o suporte sensível, isto como tema comparativo aos aspectos da sintaxe; ampliação esta advinda de um original positivo (slide), que pertence ao bloco de diapositivos sonorizados, pertencente ao conjunto denominado "Vermelhos", pois, ao contrário este projeto teria um conteúdo teórico muito extenso que não justificaria a síntese de informações embasado, fundamentalmente, pela prática. Visto que a proposta deste trabalho é vivenciar um resultado visual e menos procurar explicitar o seu aspecto técnico, a metodologia aplicada a este conjunto é feita através de uma experimentação sensível ao nível indutivo.

Como iluminação aproveitou-se a única fonte de luz existente, localizada no interior do objeto que, quando acesa, parecia tornar o objeto luminoso e que, devido à sua materialidade translúcida e vermelha, transformava-se num "filtro" da própria cor. Calculou-se então, a exposição de luz do objeto através de um fotômetro acoplado no interior da câmera. Procurou-se um diafragma mais fechado para melhor profundidade de campo, o qual foi conduzido com a velocidade do obturador, tendo assim como resultado: diafragma $F=5,6$ e obturador $1/30s$. Foi feita a exposição com uma câmera Asahi Pentax 35mm, equipada com lente Takumar 50mm, em filme Ektachrome ISO 100 (EPP).

1.1.3 Linguagem (o ver captado pela objetiva)

Ainda em um nível técnico, podemos falar desta linguagem (o "ver" da objetiva) que contribui muito na realização de "outra" que situa-se no fazer artístico. - a linguagem expressiva ou poética.

Ao vermos um objeto, temos uma percepção visual "direta", ou seja, através de nossos olhos (capacidade fisiológica). Mas, se olharmos o mesmo objeto através do visor de uma câmera, veremos nele inserido a possibilidade de uma outra condição visual que pode, inclusive, alterar a condição meramente fisiológica de ato de ver.

Dependendo da construção ótica da objetiva, teremos diferentes resultantes visuais, principalmente em função da distância focal que a definirá como normal: tele e a macro e a grande angular. Em função da luz poderemos controlar, segundo um dispositivo mecânico ou eletrônico denominado diafragma, conjugado com outros, o obturador. Esses dispositivos técnicos ou óticos serão utilizados de acordo com o que queremos conceber como "imagem" ao nível de uma interpretação objetiva ou subjetiva, conforme nossa intenção.

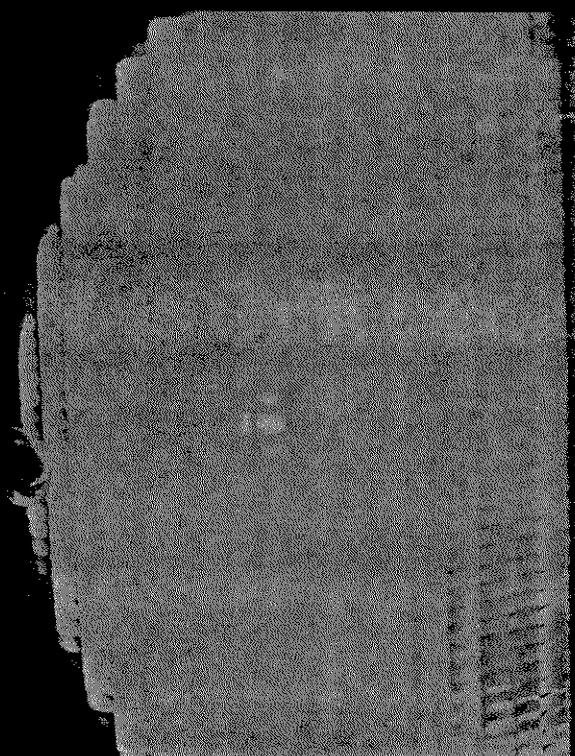
Fazem parte da "linguagem" visual a escolha do ângulo de tomada da câmara, o enquadramento do que e como "queremos registrar", orientado pelo ponto de vista sobre a forma/conteúdo da materialidade do objeto, segundo desejamos captar para informar ou expressar.

A partir desta argumentação poderíamos dizer que estaríamos circunscritos ao sistema da câmara. Ao definir um ângulo de tomada, pelo visor chegaríamos ao objeto ou parte deste e, assim, poderíamos contatar sua materialidade (orgânica ou inorgânica); seus planos, superfícies, a texturizações, luzes e sombras e até a própria luz, como objeto assim como os referentes que poderiam, ingenuamente, ser considerados luminosos por si próprios.

E com todos esses elementos visuais faremos um "arranjo", procurando um equilíbrio icônico que, em síntese, é a própria composição procurada. O que comprova, também, a nossa interferência lógica e ou sensível no ato fotográfico.

Primeiramente vemos o que a objetiva nos mostra e podemos vir a concordar. Então, alteramos o ângulo de tomada da câmara. Aproximamo-nos ou nos distanciamos do objeto e fazemos um reconhecimento visual sobre a sua superfície. Alteramos ou não a iluminação, definimos as áreas de luz e sombras e, principalmente, os limites de foco. Com sua forma e cor brilhando no visor da câmara, acionamos o obturador, e durante um rápido espaço de tempo o diafragma, com uma abertura programada, dá passagem à luz vinda através do reflexo ou da transmissão luminosa do objeto, que ficará captada na superfície do filme ou película sensível.

Sobre o nosso "referente", podemos dizer que o ângulo de tomada da câmara, neste nosso caso, é frontal, com o centro óptico da objetiva ao nível do centro do objeto e bem perto da sua superfície, tendo como enquadramento os limites de sua totalidade, resultando num primeiro plano que transmite a forma /substância do referente numa resultante que poderíamos caracterizar quase como abstrata. Mesmo assim traz sinais que comprovam o "significado" do "referente" e sua "função", pois na sua forma nota-se a textura, as linhas verticais e curvas que atravessam as áreas de luzes, fundindo-se nas sombras que participam como fundo na "composição", ao mesmo tempo que projeta em primeiro plano o "objeto" da nossa imagem, segundo nossa intenção e sensibilidade.



1.2. Sobre o Referente (aspecto semântico)

1.2.1 Aspectos Objetivos (descrição) - Denotação

O referente tem a função de uma lanterna de segurança automotiva. Possuindo uma constituição física em plástico colorido e translúcido que, junto às linhas atuais de seu desenho, traduz a estética do referente, conforme o que queremos transmitir.

Quando acende-se a luz de seu interior, a sua superfície matéria demonstra propriedade física comparada a um filtro colorido.

Como resultante imagética temos uma transmissão de luz, em cor vermelha de intensidade muito brilhante, que demonstra a função do instrumento como referencial de um corpo sinalizador. E também como um objeto estético que possui informações com valores expressivos em termos de forma e luz (cor) relevantes, portanto, para a pesquisa poético-visual que objetivamos.

1.2.2 Aspectos Subjetivos - Conotação

A imagem que revela o "referente" através da linguagem fotográfica procura passar um resultado estético e poético advindo da técnica de linguagem, mas principalmente da escolha do ponto de vista selecionado pelo produtor visual para melhor registrar a sua avaliação sensível sobre o "referente" pesquisado.

O objetivo desta imagem fotográfica é em princípio mostrar, através de sua forma e conteúdo, o vermelho (luz/cor), a sua unicidade formal, sem que se restrinja a sua natureza física dentro do espectro visível: a imagem como "luz" de cor vermelha que nos envolve e seduz.

Mesmo sendo uma cor de grande impacto visual, eu a procurei em objetos que possuíssem, em sua forma, elementos visuais de valores que considero estéticos, e que pudesse representá-los, fotograficamente, numa visão intersubjetiva, sem alterar totalmente o "significado do referente" em sua forma e função. Nesta "imagem", cujo objeto também é o elemento luz (expressividade), busquei articulá-la junto a outros elementos visuais (plano, superfície, linha, textura) para um resultado em composição assimétrica cujas superfícies em luzes e sombras participem como espaços que acolhem o objeto numa tradução poético-visual que contemple, solidariamente, as relações de informação semântica e estética. Esta como forma a informar o conteúdo sensível do encarnado.

1.3 - A síntese do audiovisual

Este trabalho teve como objetivo a realização de trabalhos audiovisuais, conceituando a sua linguagem técnica e expressiva, procurando novas formas expressivas de linguagem onde a imagem e a música são considerados elementos fundamentais da mensagem deste sistema de apresentação audiovisual.

Por ser uma seqüência de imagens fixas, utilizou-se o dissolver (dispositivo automático de dissolvimento de imagens, que junto com dois projetores de diapositivos auxiliaram num dinamismo da linguagem, aproximando-se da representação da linguagem filmica).

Os ensaios foram realizados com os registros fotográficos, de nível de linguagem objetiva e subjetiva, feitos em estúdio profissional e em ambientes externos e internos. Também se objetivou situar o ato fotográfico nas diversas situações físicas (ver anexos) em que vem se encontrar o "referente". Para cada situação, uma necessidade técnica para garantir um resultado visual expressivo de acordo com esta situação espacial e também expressiva.

Dessa forma, a tecnologia somente poderá subsidiar o universo das expressões artísticas quando suas ferramentas forjarem o processo criativo, de cujo resultado visual emane o autêntico sentimento do artista, gerado pela sua sensibilidade própria.

Audiovisuais:

Irina	Vermelhos	Ensaio	
O que	Reflexos	Luz	Etrom
Imagéticos	Gerações Imagéticas	Dejetos	Poético Ser

Músicas:

Durutti Culumn John Barry Kitaro Kraftwerk Milton Nascimento Pink Floyd Peter Gabriel Titãs Vangelis Walter Carlos

UMA TRADUÇÃO POÉTICO - LINGÜÍSTICA

2. Uma Tradução Poético-Lingüística

Durante a procura,
Talvez o encontro.
No ver flutua o sentir.
O momento aprisiona o tempo
enquanto o espaço se despe.
A luz seduz um corpo
e através de uma abertura
entrega uma imagem a um espaço sensível
depois de percorrer o tempo.
Ver, sentir e transmitir
forma, cor e movimento.
O meu ver talvez será o seu.
As imagens são mutantes.
Ver, preciso ser,
que aprisiona o sentimento
e o entrega à luz.
Objetos e dejetos,
captar e capturar.
Ver, sentir e não tocar.
Vejo. Você, talvez o nunca.
E o que vemos?
Imagens ou real,
mensagens ou realidade.
A reflexão alterou-se
no espaço e tempo percorrido.
Ver, sentir e registrar
o corpo que a luz seduz
e que o ver fecunda.

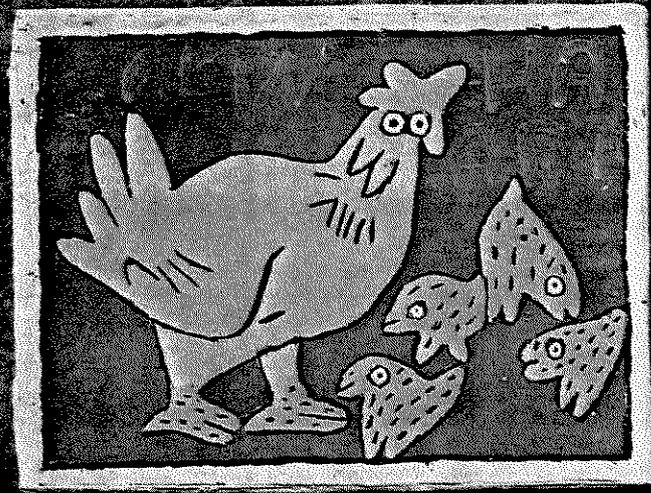
Conclusões

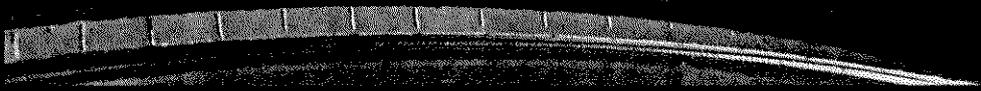
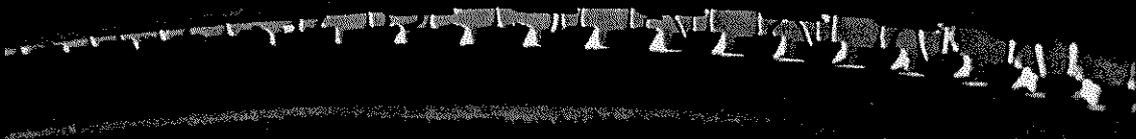
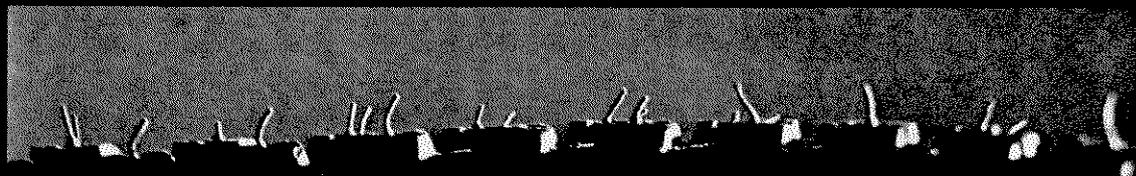
Descrever o conteúdo de uma imagem através de um suporte verbal e mantê-lo intacto, bem como os códigos que constituem os elementos visuais, é praticamente impossível, pois estamos alterando a originalidade de sua mensagem. Passamos para o ato de reprodução de uma imagem que se imprime em pensamentos, condicionando a sua mensagem. A linguagem verbal e principalmente outros códigos visuais que estão retidos no suporte icônico, não poderão fluir para o leitor. Essa audiência terá dupla atuação em relação ao objeto: terminar o processo criativo pela observação do produto; e observando-o, poderá ser capaz de "ver outras informações" além do próprio produto visual. Assim, o fruidor faz também parte ativa do processo criativo em continuum. Eu vejo ele (fruidor) vê. Com certeza poderá ver algo a mais, pois, cada indivíduo tem em seu pensamento imagens armazenadas que representam o seu universo perceptivo - projetivo. A imaginação.

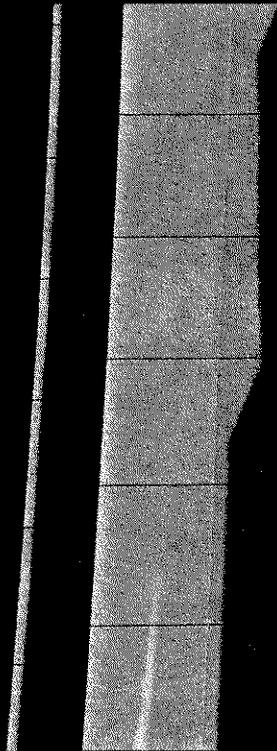
Dessa maneira o objeto desta pesquisa admite mais uma proposta indutiva do que a dedutiva, pois, para uma resultante imagético-poético a ciência positivista não tem meios para esgotá-la.

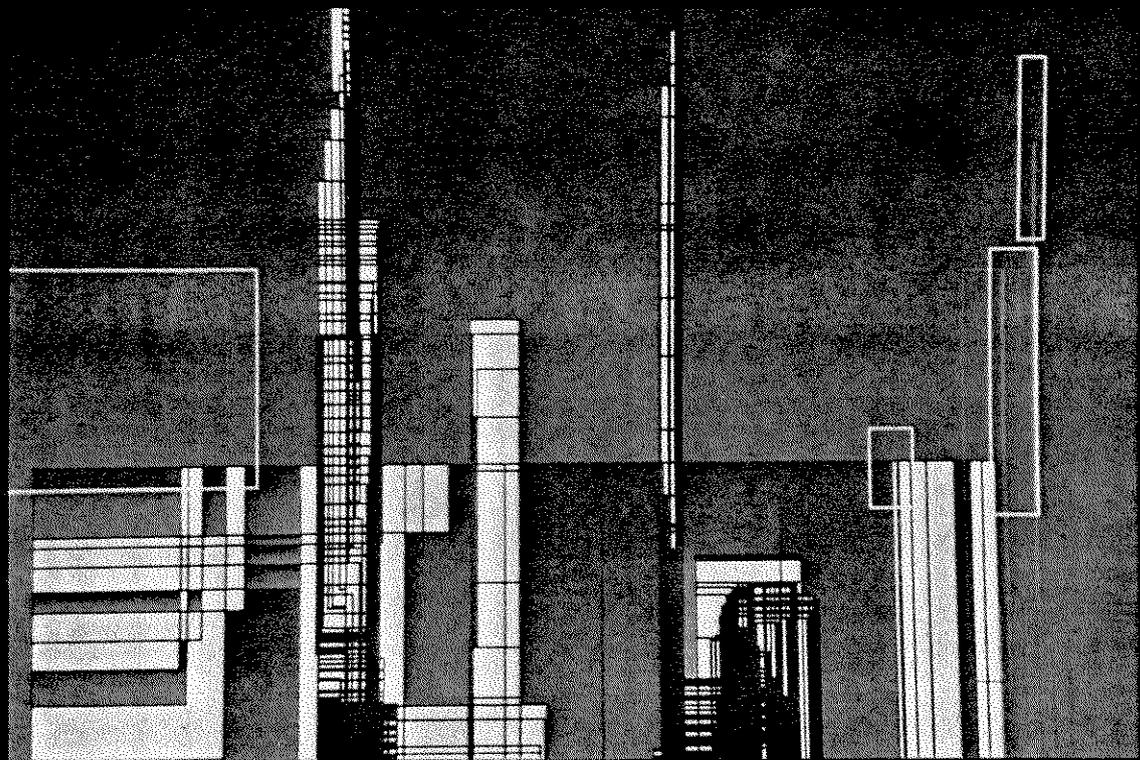
Através deste estudo exploratório pode-se dizer, como hipótese, que o poético pode ser traduzido por outro discurso também poético. Já a ciência embora o explique em certos aspectos, não consegue elucidá-lo em sua essência. Um discurso descritivo e analítico, em princípio, não tem condições de aprender o estético-poético. A tradução de uma linguagem estética para a outra seria a opção coerente. Esta é a conclusão. a Hipótese é a ser verificada em cada poema, em cada foto, em cada som, em cada produto no qual o homem deixa as marcas sensíveis de sua onírica expressão.

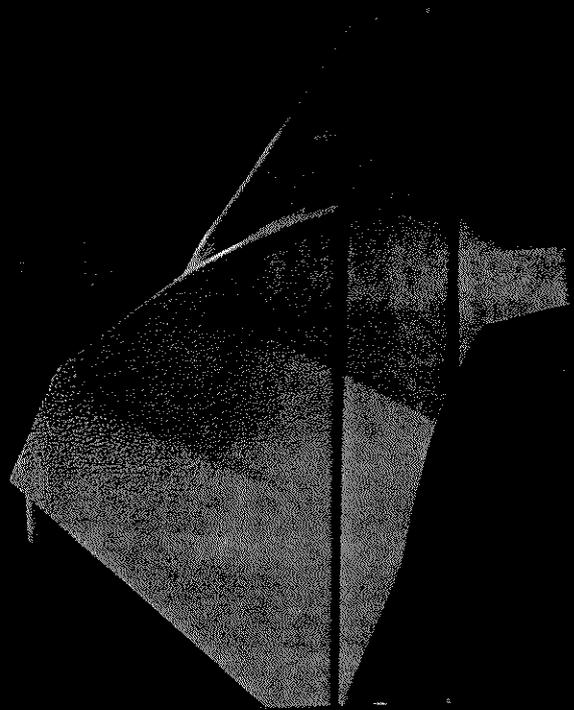






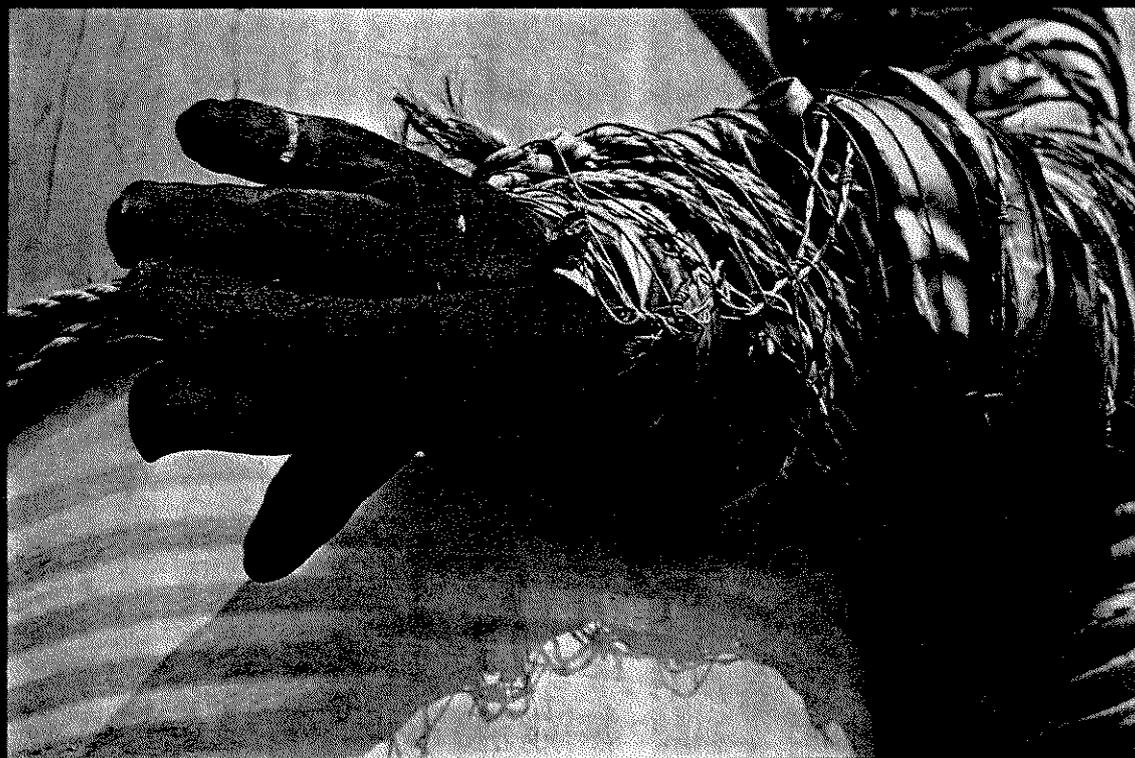


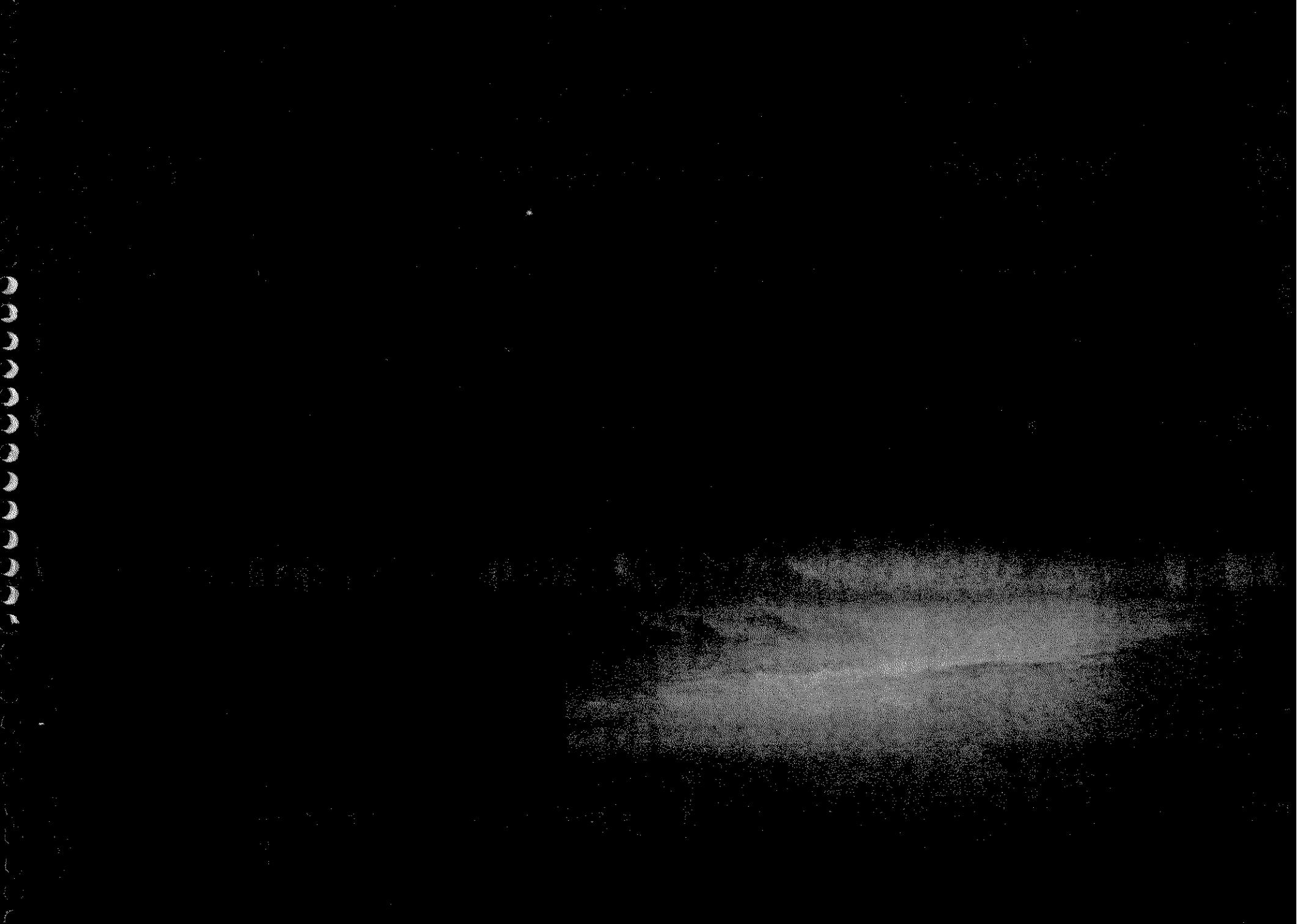




1950
1951
1952







Bibliografia

- BASTIDE, R. Arte e Sociedade. SP, Companhia Editora Nacional, 1971.
- BAUDRILLARD, J. A Sociedade de Consumo. Lisboa, Edições 70, 1981.
- BENJAMIN, W. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. in obras escolhidas, Vol. I. SP, Brasiliense, 1986.
- CALABRESE, O. A Linguagem da Arte. R.J., Globo, 1974.
- CANEVACCI, M. Antropologia da Comunicação Visual. SP, Brasiliense, 1990
- ECO, U. A Estrutura Ausente. SP, Perspectiva, 1976.
- GIACOM ANTONIO, M. O ensino através dos audiovisuais. SP, Ed da Universidade de São Paulo, 1981.
- MACHADO, A. A Ilusão Especular. Introdução à Fotografia. SP, Brasiliense, 1986.
- MOLES A. A criação Científica. SP, Perspectiva, 1971.
- MUKAROVSKY, J. Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte. Lisboa, Editorial Estampa, 1981.
- NASH, J.M. O Cubismo, o Futurismo e o Construtivismo. Barcelona, Editorial Labor, 1976.
- PANOFSKY, E. A Perspectiva como forma Simbólica. Barcelona, Tusquets Editores, 1985.